

Desemprego atinge valores dramáticos em Portugal: Alguns exemplos para reflexão

Marinús Pires de Lima

Marta Sofia Lino

Esta comunicação constitui uma síntese de um estudo realizado no âmbito do *Observatório Europeu da Mudança* (EMCC) da Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho, e apresenta, além das últimas estatísticas referentes ao emprego em Portugal, vários casos actuais de falências e de reestruturações de empresas que, a pretexto de deslocalização da sua produção ou de processos de reestruturação, encerraram e abandonaram as suas unidades produtivas, desviaram equipamento, deixaram de pagar salários e despediram os seus trabalhadores, mesmo em situações em que não existia crise de produção.

O objectivo da presente comunicação será a análise da evolução do desemprego e, conseqüentemente, dos despedimentos em Portugal de Abril de 2004 a Julho de 2005.

A metodologia utilizada baseia-se na análise de fontes documentais (leitura de jornais diários e semanários), dados estatísticos (Instituto Nacional de Estatística, Instituto de Emprego e Formação Profissional, estudos da Coface Mope e FESETE) e em entrevistas a informantes privilegiados.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), a taxa de desemprego atingiu, no primeiro trimestre de 2005, 7,5% da população activa. Isto significa que, segundo o INE, havia em média 412 mil desempregados em Portugal entre Janeiro e Março, o que representa o valor mais alto dos últimos oito anos.

Vários factos tornam estes valores muito preocupantes. Há mais de 200 mil pessoas que procuram emprego há pelo menos um ano, o que indicia que metade do desemprego registado é de longa duração. daquelas, 106 mil pessoas estavam sem colocação há mais de dois anos, o que lhes faz correr o risco de perder o subsídio de desemprego e de tornar mais difícil o regresso ao mercado de trabalho.

A nível regional, é no Norte que o desemprego sobe mais depressa. Aqui, a taxa subiu de 8 para 8,7%. No início de 2004, era de 7%. Contudo, também no Alentejo se regista uma taxa de desemprego muito alta (9,3%).

No que respeita aos sectores de actividade, foi no sector secundário (indústria e construção) que o valor do desemprego subiu mais, registando um aumento de 23,1% em comparação com o período homólogo.

O desemprego continua a afectar mais mulheres (8,6%) que homens (6,5%). No que respeita às primeiras, são frequentes os casos em que os sectores tradicionais, como os têxteis e o calçado, são atingidos. Quanto aos homens, o aumento de 1% no espaço de um ano, coloca também problemas dramáticos nas famílias que dependem apenas de um salário.

Sublinha-se que o desemprego atinge maioritariamente trabalhadores com nível de escolaridade baixo: ensino básico (313, 2 mil contra os 261,4 mil verificados no primeiro trimestre de 2004). Todavia, o desemprego também atinge pessoas com habilitações do ensino superior: 40 mil indivíduos, mais 20% do que no mesmo período do ano anterior.

O Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), que calcula o número de desempregados segundo métodos diferentes, apresenta para Março de 2005 um valor de 529 mil desempregados. Apesar da diferença no número de desempregados, ambas as instituições revelam uma subida acelerada do desemprego nos últimos anos. Recorde-se que, em 1991, o valor do desemprego, em sentido lato, era de apenas 4,8% (INE).

Por tudo isto podemos afirmar que nos últimos tempos se têm multiplicado de forma preocupante os casos de encerramento de empresas, os despedimentos colectivos, a redução de pessoal por deslocalizações ou reestruturações. Os exemplos são diários e abrangem diversos sectores de actividade (têxtil, vestuário e calçado, eléctrico e electrónico, metalúrgico, automóvel, alimentar, construção, etc.). A luta e a denúncia dos trabalhadores têm permitido que alguns desses casos tenham ganho dimensão pública e atraído a atenção da comunicação social.

Com efeito, destacamos os casos das seguintes empresas que, de Abril de 2004 a Julho de 2005, lançaram no desemprego mais de cem trabalhadores: Valeo (339 trabalhadores), Alematex (100 trabalhadores), Portugal Telecom (1500 trabalhadores), Cardoso e Companhia Lda. (170 trabalhadores), Tyco (200 trabalhadores), Gabor (200 trabalhadores), Elefanten (321 trabalhadores), Rainha do Cávado (180 trabalhadores), Sobrinca (150 trabalhadores), Varela Pinto (130 trabalhadores), Vishay (130 trabalhadores), Lear (202 trabalhadores), Soarmoldes (150 trabalhadores), Castanheiro

(125 trabalhadores), J. Martins Pereira (170 trabalhadores), João Duarte (138 trabalhadores), Lusomundo Media (111 trabalhadores), Sociedade de Fabricantes (120 trabalhadores), Confecções Pacheco (150 trabalhadores), Kaz Ibérica (200 trabalhadores), Vodrages (100 trabalhadores), Jodicar (100 trabalhadores), Indesit (100 trabalhadores), Sumol (100 trabalhadores), Yazaki Saltano (500 trabalhadores), Philips (162 trabalhadores), Alcoa (1050 trabalhadores), Vissuto (200 trabalhadores), Sampaio e Ferreira (200 trabalhadores), Lear Corporation (800 trabalhadores), Universal Motors (95 trabalhadores).

A empresa francesa de cablagens Valeo¹ encerrou no dia 13 de Abril de 2005 em Santo Tirso. A decisão foi anunciada aos 339 trabalhadores que, segundo a empresa, assinaram os acordos de rescisões amigáveis por as condições oferecidas serem mais vantajosas do que as determinadas por lei: a Valeo propôs-se pagar o dobro das indemnizações legalmente exigida (em vez de um salário, oferece dois salários por cada ano de trabalho), para além dos subsídios impostos por lei, e colocou ainda à disposição os serviços de uma empresa de “outplacement” para os orientar para acções de formação e criação do próprio posto de trabalho.

Apresentada como um projecto de reestruturação da multinacional, a intenção de encerramento deveu-se à baixa contínua do volume de vendas e também à diminuição dos preços de mercado.

Esta é a segunda vez que este ramo da Valeo apresenta projectos de reestruturação para a fábrica de Santo Tirso. Em Junho de 2003, a Valeo reduziu 163 postos de trabalho.

A unidade de Santo Tirso dedicava-se à fabricação de produtos para o grupo Volkswagen-Seat (nomeadamente cabos e armações metálicas) e chegou a empregar 900 trabalhadores.

Para o Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e Afins (SIMA), trata-se de mais um caso de deslocalização, com a produção em causa a ser desviada para a unidade que a Valeo abriu em Marrocos em 2004.

Segundo o Presidente da Câmara de Santo Tirso, o grupo Valeo beneficiou, em Outubro de 2001, de um apoio de oito milhões de euros, no âmbito do Sistema de Incentivos à Modernização Empresarial (SIME).

¹ Pinto, Luísa (2004), “Valeo fechou ontem a fábrica de Santo Tirso” em *Público*, 14 de Abril de 2004

A Valeo é um grupo industrial francês especializado no fabrico de componentes para automóveis, nomeadamente alarmes, luzes, ligações eléctricas, motores, limpa pára-brisas, entre outros. O grupo está presente em 25 países e emprega 67 mil pessoas no total, tendo facturado 9,8 mil milhões de euros em 2002.

Em 7 de Julho de 2004, a multinacional alemã de calçado Gabor², na Trofa, encerrou e lançou 200 pessoas no desemprego através da rescisão dos contratos por mútuo acordo. Em causa está a deslocalização da produção para a Eslováquia, onde a Gabor já possui uma unidade.

Em Portugal, a multinacional recebeu investimentos de 2,8 milhões de euros e um incentivo total de 684 mil euros. Para obter este montante, a multinacional assumiu o compromisso de “não locar, alienar, onerar ou deslocalizar investimento em todo, ou em parte, sem a prévia autorização até 20 de Julho de 2006”.

A Gabor está instalada na Trofa há 16 anos, onde já chegou a empregar mais de 600 trabalhadores.

Segundo a Associação Empresarial de Portugal, a Gabor ocupava o terceiro posto da produção do sector (atrás da Ecco e da Rhode), apresentando um volume de facturação anual superior a 58,4 milhões de euros e possuindo 1550 trabalhadores.

O Tribunal de Santa Maria da Feira decidiu, no dia 23 de Setembro de 2004, decretar a falência de uma das empresas de referência do sector da puericultura do País – Sobrinca, Brinquedos e Utilidades para Criança³, lançando no desemprego 150 trabalhadores.

A Sobrinca encontrava-se numa situação financeira muito difícil e, portanto, a empresa não era economicamente viável. Só aos trabalhadores, as dívidas totalizavam 589 mil euros de indemnizações e 128 mil euros de salários.

A fábrica encontrava-se há mais de um ano sem laborar.

A empresa Vishay Electrónica Portugal⁴ anunciou, no dia 20 de Outubro de 2004, aos 266 trabalhadores da unidade de produção de Vila Nova de Famalicão, a deslocalização de parte da produção e do equipamento para a Índia, onde a

² Marques, Ângelo (2004), “Gabor dispensa 200 trabalhadores na Trofa” em *Público*, 7 de Julho de 2004

³ Santos, Ventura (2004), “Tribunal decreta falência de Sobrinca” em *Correio da Manhã*, 24 de Setembro de 2004

⁴ Mendes, Paula (2004), “Vishay passa 50% da produção para a Índia” em *Diário Económico*, 22 de Outubro de 2004

multinacional já possui diversas unidades e onde os custos de produção são substancialmente mais baixos.

De acordo com a administração da Vishay, foram despedidos 130 trabalhadores.

A Vishay é uma empresa que produz componentes electrónicos de elevada complexidade, que iniciou a sua produção em Famalicão em 1969. Possui unidades na América e na Europa.

A fábrica de Famalicão que produzia, maioritariamente, condensadores, já deu emprego a mais de 1200 trabalhadores.

Em 9 de Junho de 2004, a metalúrgica Soarmoldes – Ferreira Guedes & Soares⁵, em Arcozelo, deixou no desemprego 150 pessoas. Em causa estão as dívidas à Segurança Social, à banca e ao fisco que totalizam 20 a 25 milhões de euros.

A administração da Soarmoldes alegou falta de encomendas e incapacidade para liquidar as dívidas para justificar o encerramento, estando por pagar aos 150 trabalhadores metade dos salários de Maio e o mês de Junho.

No dia 3 de Janeiro de 2005, a falência da empresa de confecções Sociedade de Fabricantes⁶, na Covilhã, deixou no desemprego 120 trabalhadores. O encerramento surgiu depois de a empresa ver negado um segundo processo de recuperação, desencadeado em 2004, na sequência das dificuldades de funcionamento.

Além das indemnizações, os trabalhadores reclamaram os subsídios de férias de 2004 e das férias gozadas em 2005, correspondentes ao último ano de trabalho.

A Sociedade de Fabricantes era uma fábrica histórica do sector têxtil. Foi das primeiras unidades de confecções a funcionar no distrito de Castelo Branco.

Apresenta-se, de seguida, um quadro geral com a totalidade das reestruturações ocorridas em Portugal, de Abril de 2004 a Julho de 2005:

Fonte	Data	Empresa	Sector	N.º despedimentos
Público	14-04-2004	Valeo	Automóvel	339
O Primeiro de Janeiro	30-04-2004	Alematex	Têxtil	100
Diário de Notícias	27-05-2004	Portugal Telecom	Telecomunicações	1500

⁵ “Sindicato teme encerramento da metalúrgica Soarmoldes” em *Público*, 9 de Junho de 2004

⁶ Fonseca, Luís (2005), “Outra fábrica na falência” em *O Primeiro de Janeiro*, 3 de Janeiro de 2005

Público	01-06-2004	Cardoso & Companhia, Lda.	Têxtil	170
Diário Económico	15-06-2004	Tyco	Automóvel	200
Público	07-07-2004	Gabor	Calçado	200
Público	12-08-2004	Elefanten	Calçado	321
Público	20-08-2004	Rainha Cávado	Têxtil	180
Jornal de Notícias	24-09-2004	Sobrinca	Jogos e brinquedos	150
Público	19-10-2004	Varela Pinto	Construção	130
Público	20-10-2004	Vishay	Electrónico	130
Jornal de Notícias	30-10-2004	Lear Corporation	Automóvel	202
Jornal de Notícias	06-11-2004	Soarmoldes	Metalúrgico	150
Jornal de Notícias	09-11-2004	Castanheiro	Têxtil	125
Jornal de Notícias	10-11-2004	J. Martins Pereira	Têxtil	170
Público	13-11-2004	João Duarte	Têxtil	138
Correio da Manhã	12-12-2004	Lusomundo Media	Act. recreativas, culturais e desportivas	111
O Primeiro de Janeiro	03-01-2005	Sociedade Fabricantes	Têxtil	120
Público	06-01-2005	Confecções Pacheco	Têxtil	150
Diário de Notícias	13-01-2005	Kaz Ibérica	Eléctrico	200
Público	25-01-2005	Vodrages	Têxtil	100
Público	28-01-2005	Jodicar	Construção	100
Diário de Notícias	11-02-2005	Indesit	Metalúrgico	98
Diário de Notícias	18-02-2005	Sumol	Bebidas	100
Correio da Manhã	12-04-2005	Yazaki Saltano	Automóvel	500
Diário de Notícias	22-04-2005	Philips	Eléctrico	162
Diário de Notícias	06-05-2005	Alcoa	Automóvel	1050
Correio da Manhã	19-05-2005	Vissuto	Têxtil	200
Diário de Notícias	25-06-2005	Sampaio & Ferreira	Têxtil	200
Correio da Manhã	29-06-2005	Lear Corporation	Automóvel	800
Diário de Notícias	23-07-2005	Universal Motors	Eléctrico	95

Por tudo o que foi referido anteriormente, é perfeitamente natural que os parceiros sociais, nomeadamente as centrais sindicais, chamem a atenção para estes dados, que são particularmente sensíveis num país com baixa protecção social.

É necessário um processo de reestruturação preventiva, antecipando as reorganizações de toda a cadeia produtiva e investindo nos vários tipos de formação profissional. Assim, se por um lado João Proença (UGT) afirma que “a prioridade do governo tem que ser o crescimento e o emprego”, por outro lado, Graciete Cruz (CGTP) reage dizendo que tem de se procurar “estancar a deslocalização das empresas para o estrangeiro e antecipar as reestruturações para evitar que o desemprego cresça”. Francisco Van Zeller (Presidente da CIP) afirma, ainda, que a “tendência do aumento do desemprego é do mercado, não é culpa das empresas; quando as empresas fecham ou reduzem trabalhadores é porque o mercado as obriga a isso. Temos de formar empresas novas, fazer produtos novos, encontrar mercados novos e até mesmo novas atitudes, para encontrar novas soluções”.

A tendência é para que o desemprego continue a crescer, havendo autores que avançam com uma taxa de 10%. Sabendo-se que, segundo o recente relatório da OCDE, a economia portuguesa deverá crescer apenas 0,7% do PIB e que o desemprego nunca diminuiu sem que a economia estivesse a crescer menos de 2% por ano, não é de esperar que a situação melhore nos próximos tempos.

Além disso, o nosso país parece ter perdido capacidade de atracção de investimento estrangeiro. E a importação de têxteis oriundos da China vai ter um impacto crescente.

Toda esta evolução implica também custos para o Estado. Segundo o Relatório da Comissão Constâncio, 50,3 milhões de euros dizem respeito aos subsídios de desemprego (diferença entre a previsão e o orçamento), agravando a situação da Segurança Social. E os desempregados deixam de quotizar para a mesma.

O que fazer perante este panorama? Urge implementar um novo modelo económico baseado na competitividade, que venha substituir o anterior, fundamentado na mão-de-obra barata e sem qualificação suficiente.

Estamos de acordo com a Professora Maria João Rodrigues, que escreve que a União Europeia e Portugal enfrentam grandes desafios.

Em primeiro lugar, a emergência de potências como a China, a Índia e o Brasil, que alteram a divisão internacional de trabalho. Os europeus devem ter mais pessoas na população activa e mais trabalhadores idosos no mercado de emprego.

Em segundo lugar, a produtividade europeia é menor do que a dos Estados Unidos, o que exige uma actualização da Estratégia de Lisboa: difusão das tecnologias de informação, reorganização das empresas e da sua gestão, desburocratização,

formação de recursos humanos, estímulo à inovação nas PME, apoio à I & D, gestão do mercado de trabalho combinando segurança com adaptabilidade, desenvolvimento da qualidade ambiental.

Em terceiro lugar (*last but not the least*), uma estratégia concertada com os actores privados e públicos modernos e inovadores é inadiável. Os sectores tradicionais do nosso país (têxteis e calçado), assim como os mais recentes (moldes, indústria automóvel, turismo, mar, etc.) têm de ser apoiados. Casos conseguidos como os da Dinamarca, Irlanda, Suécia, Finlândia, estudados por muitos autores, como por exemplo o Professor Manuel Castells estão aí para com eles aprendermos a mudar o presente e o futuro, renovando o modelo social europeu.

Marinús Pires de Lima, ISCTE e ICS – Universidade de Lisboa

Marta Sofia Lino, ICS – Universidade de Lisboa